

A tríade: identidade, diferença e gênero

Viviane Cristina Pereira dos Santos Maruju¹

RESUMO – A tríade: identidade, diferença e gênero objetiva investigar as relações entre Identidade, Diferença e Gênero. Através de uma perspectiva que se interessa mais pelas singularidades e particularidades e menos pelas semelhanças e identidades. Está situada como parte constituinte da linha de pesquisa *Escrita, Escritura e Pedagogia da Diferença*, desenvolvida no Observatório de Educação, Infâncias e Juventudes da Universidade de Caxias do Sul. Os conceitos investigados estabelecerão a triangulação com a pedagogia na cartografia dos pontos de contato dessa tríade. Por isso, a pesquisa é tratada dentro do estudo metodológico cartográfico; obtendo alguns resultados parciais temos que a compreensão das forças discursivas como produtora de realidades constitui-se em ponto de partida para os questionamentos em relação ao natural, ao normal. Discursos esses que atuam na legitimação do poder-saber em relação aos processos identitário.

Palavras-chave: identidade, diferença, gênero e pedagogia.

ABSTRACT – The triad: identity, difference and gender aims to investigate the relationship between Identity, Difference and Gender. Through a perspective that is more concerned with the peculiarities and particularities and less by the similarities and identities. Is situated as a constituent part of a research *Writing, Scripture and Pedagogy of Difference*, and developed at the Observatory for Education, Children and Youth, University of Caxias do Sul. The concepts investigated will establish the triangulation with the pedagogy in mapping of the contact points of this triad. Therefore, the research is treated within the methodological study mapping; getting some partial results we have the understanding that the discursive strengths as a producer of reality constitutes a starting point for questioning in relation to the natural, to the normal. Those speeches that act legitimating the power-knowledge related to the identity processes.

Keywords: identity, difference, gender and pedagogy.

Delineando caminhos

Este trabalho tem como objetivo investigar as relações entre identidade, diferença e gênero buscando os pontos de contato desta tríade; através de uma perspectiva que busca compreender a diferença como um processo que se interessa mais pelas singularidades e

menos pelas semelhanças. Situado como parte da linha de pesquisa Escrita, Escritura e Pedagogia da Diferença desenvolvida no Observatório de Educação, Juventudes e Infâncias da Universidade de Caxias do Sul. Os conceitos de identidade, de diferença e de gênero são passíveis de estabelecer uma triangulação com a pedagogia. Por isso este trabalho é tratado dentro do estudo metodológico cartográfico.

A cartografia como metodologia de pesquisa, através de sua experimentação, estará cartografando os sintomas que emergem dos processos constituidores da identidade, da diferença e da identidade de gênero. Este trabalho, entretanto, não pretende estabelecer generalizações, pois reconhecemos a realidade enquanto produção discursiva e, portanto, provisória. Para tanto, nos cercaremos de algumas estratégias teóricas ao mesmo tempo em que o apego com relação a alguns conceitos e teorias que se fundamentam na naturalização e normalização serão esvaziados com a finalidade de melhor conhecermos as forças discursivas que permeiam esta investigação. Na cartografia, diferentemente de um mapa onde o percurso está previamente estabelecido e o destino final garantido pelas certezas do pré-estabelecido, temos um caminho sendo constituído à medida que se caminha. Esse caminhar cartográfico tem como possibilidade encontros com paisagens invisíveis para um olhar que procura mais pelo estabelecido desconsiderando as múltiplas possibilidades do inédito.

O começo: em busca de uma voz autoral

A desconstrução de certezas e saberes que me constituem como sujeito pedagógico em uma licenciatura é o ponto de partida para a descoberta das múltiplas potências que habitam o meu corpo. Contudo, a multiplicidade a qual me refiro não é a das diversas identidades de sujeitos ofertadas em abundância pelos sistemas de representação, mas, a da singularidade que emerge a partir do abandono da estrutura formatadora da identidade. A partir de apenas alguns passos cartográficos em direção ao inédito - ao que não é mais percebido como fixo ou como essência e, portanto, facilmente aceito por ser natural e normal - o medo e a insegurança são dissipados pelas novas compreensões que emergem da tensão investigativa com os teóricos deste trabalho. Diante dessas novas compreensões, faz-se imprescindível uma voz. Que voz é essa? Uma voz que é desafiada a ser autora de uma composição das compreensões surgidas nos questionamentos dos discursos que nos atravessam na contemporaneidade.

O sujeito moderno e suas concepções

A compreensão das forças discursivas como produtora de realidades constitui-se em ponto de partida para os questionamentos em relação ao natural, ao normal, ao pré-estabelecido e a tradição. Todos esses “personagens” estão constantemente sendo agenciados na legitimação de territórios e no estabelecimento de saberes e verdades. A partir dessa perspectiva discursiva vamos, então, entreverendo que as forças discursivas atuam também na conceptualização da categoria de sujeito moderno, pois ao pensarmos nessas concepções é necessário considerarmos que cada uma é gestada em um tempo e em uma determinada cultura; onde a linguagem exerce um importante papel nas definições e na representação de cada concepção de sujeito ao longo da modernidade.

A compreensão das três concepções de sujeito pedagógico: o sujeito iluminista, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno servem de ponto de partida para a compreensão do processo que institui a identidade. Vamos identificando, dessa maneira, as mudanças ocorridas em três momentos ao longo da modernidade e seus efeitos na constituição da identidade bem como as forças discursivas criadoras de cada concepção.

Desta maneira que o livro *A identidade cultural na pós-modernidade* nos esboça a descrição de alguns teóricos contemporâneos sobre as principais mudanças na forma pela qual o sujeito e a identidade são conceptualizados durante a modernidade. Fazendo-nos refletir sobre

os estágios através dos quais uma versão particular do “sujeito humano” - com certas capacidades humanas fixas e um sentimento estável de sua própria identidade e lugar na ordem das coisas – emergiu pela primeira vez na idade moderna; como ele se tornou “centrado”, nos discursos e práticas que moldaram as sociedades modernas; como adquiriu uma definição mais sociológica ou interativa; e como ele está sendo “descentrado” na modernidade tardia.(HALL, 2004, p. 23)

Uma reflexão a cerca dos estágios nos possibilita ampliarmos a análise para além das questões das mudanças em si. Vamos, então, redirecionar o nosso olhar para as demandas externas e dos discursos que a permeia; não sendo nada ao acaso essas mudanças. É neste contexto de uma realidade discursiva que para os pensadores pós-modernos, o sujeito iluminista elege a razão como essência constituidora de uma identidade compreendida como fixa e imutável durante toda a existência do sujeito. Essa eleição não ocorre de maneira

deliberada, mas decorre das demandas do projeto moderno onde essa concepção de sujeito é necessária, pois “a organização econômica e social dos modernos estados-nação se baseia precisamente na existência e no pressuposto desse tipo de sujeito” (SILVA, 1995, p. 248).

Nessa concepção de sujeito, a luz da razão segue iluminando o caminho pavimentado com garantias e certezas de que ele, o sujeito iluminista, é constituído de uma essência fixa e imutável que emerge no nascimento e permanece idêntico ao longo de toda a sua existência. Por isso, então, que “A identidade do sujeito iluminista estava baseada na concepção de pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação” (HALL, 2004, p.10). Podemos perceber claramente, nessa concepção de sujeito, uma valorização do indivíduo sem levar em consideração o meio no qual este estava inserido, com isso, o centro do eu, a razão, era compreendida como a própria identidade do sujeito.

Entretanto, diante da complexidade crescente do mundo moderno, o sujeito iluminista, centrado e imutável, vê a sua essência sendo transformada continuamente na interação com as outras pessoas e com as culturas nas quais está inserido. Desta maneira, esse sujeito, percebe-se sendo transformado pelo meio; sua individualidade e sua auto-suficiência perdem força na medida em que surge uma nova compreensão onde o “eu real” está constantemente sendo modificado pela interação com a cultura. Sua identidade se forma e se transforma na relação com o outro. Por isso, então, a concepção de sujeito iluminista não consegue mais representar essa nova concepção de sujeito. Assim Hall (2004, p.11) nos apresenta a concepção sociológica de sujeito “O sujeito ainda tem um núcleo ou uma essência interior que é o “eu real”, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem”.

A concepção sociológica de sujeito pretende equacionar tanto a subjetividade, através da identidade por meio da qual o sujeito se projeta no mundo cultural, como também o próprio mundo cultural - entendido também como estrutura- na qual o sujeito exercita objetivamente a sua subjetividade na forma de identidade. Esse equacionamento oferece uma estabilidade ao tornar mais predizíveis e unificados tanto os sujeitos quanto os mundos culturais por ele habitado. De acordo com essa visão, o sujeito sociológico conseguirá estabilizar e também preencher, por algum tempo, as lacunas entre o mundo pessoal e o público; conseguindo, então, dar seguimento ao projeto moderno e potencializar as suas demandas por progresso constante, autonomia, liberdade, razão e ciência.

Os discursos da pós-modernidade, ainda estão permeados pelos valores iluministas e também pela utopia sociológica. Enquanto aquele oferecer garantias e unidade, este nos convoca a transformar a realidade por meio da crítica. A dinâmica predominante, entretanto, na atualidade, é a da fragmentação, do hibridismo e da falta de certezas ocasionada, muitas vezes, pela rapidez com que se proliferam as identidades nos múltiplos sistemas de representação.

Se de um lado, a pós-modernidade com seus avanços tecnológicos nos oportuniza uma interação do virtual com o real, estabelecendo uma nova relação com o espaço e o tempo; por outro lado, nesse processo, é inevitável sentir que estamos perdendo o “sentido de si”. Por isso que

essa perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento – descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo. (HALL, 2004, p.09).

Embora a fragmentação do sujeito possa ser compreendida como um fenômeno da pós-modernidade e como consequência de seu descentramento; não podemos esquecer de evidenciar que o início dessa fragmentação já está presente na concepção iluminista de sujeito, pois o para o “sujeito cartesiano” há uma separação do corpo de da mente. Valorizando o racional em detrimento do sensível, pois o que importa é o pensamento-razão.

Já para a concepção pós-moderna de sujeito, a instabilidade faz surgir diferentes identidades em diferentes momentos. Muitas dessas identidades são contraditórias entre si, elas estão constantemente sendo deslocadas devido à sua fluidez e mobilidade; não havendo, com isso, espaço para uma concepção essencialista, plenamente unificada e coerente de identidade; de tal forma que uma identidade garantidora de certezas em um mundo de múltiplos sistemas significados e representação cultural é uma ilusão, uma fantasia. O que nos leva a pensar também se a própria categoria de sujeito também não o seria?

Vamos percebendo, então, que a força desses discursos - iluminista e sociológico - reside exatamente neste ponto: a certeza em um mundo de incertezas. Para tanto, utiliza-se a metodologia da ancoragem na tradição científica, cultural, religiosa, familiar. Os novos caminhos da pós-modernidade, entretanto, não estão mapeados com a certeza dos destinos pré-estabelecidos. E a diferença vem provocar mais abalos nesse cenário já tão desestabilizado.

Para o pensamento da diferença, que se interessa mais pelas singularidades e particularidades e menos pelas semelhanças e identidades (MATOS, 2009, p. 40) a importância em compreender as concepções de sujeito está diretamente relacionada à possibilidade de questionar as verdades sobre as identidades que são compreendidas como a identidade padrão, como a identidade normal e, portanto, majoritária. Esses questionamentos evidenciam o quanto a identidade normal majoritária depende do diferente, porque através desse movimento de estranhamento há possibilidade de surgimento do novo e do múltiplo, pois

Em certo sentido, “pedagogia” significa precisamente “diferença”: educar significa introduzir a cunha da diferença em um mundo que sem ela se limitaria a reproduzir o mesmo e o idêntico, um mundo parado, um mundo morto. É essa possibilidade de abertura que podemos pensar na pedagogia como diferença. (SILVA, 2004b, p.101).

Identidade e Diferença processos interdependentes

Esse mergulho nas conceptualização de sujeito pode-se constituir em movimento de questionamentos em relação às certezas do que constantemente nos é apresentado sob o rótulo do natural ou do normal. Assim, esse movimento nos sugere um despertar para o caráter produtor dos discursos que não apenas descrevem a nossa realidade, mas, principalmente, a ‘inventa’.

Inventividade, esta, que tem como sua principal aliada na produção da identidade e da diferença a linguagem representacional. É através dela que as identidades são criadas, definidas e fixadas, pois elas são resultados de atos de criação lingüística. Ficando claro, então, o quanto a identidade e a diferença são resultados de um processo de produção simbólica, portanto, social.

E na medida em que avançamos na compreensão do processo identitário somos desafiados a trafegar na contramão de caminhos já tão bem conhecidos e pavimentados com certezas. Caminhos, esses, que nos conduzirão a naturalização e cristalização da identidade e da diferença vista, nesta perspectiva, como auto referenciadas. Desta maneira, nos será solicitado uma postura socialmente aceita e recomendada de tolerância em relação às diferenças sexuais, de gênero, étnicas e raciais.

Na perspectiva da contramão, a identidade e a diferença são vistas como mutuamente determinadas.

Para isso, contudo, será preciso considerar a diferença não simplesmente como resultado de um processo, mas como o processo mesmo pelo qual *tanto* a identidade quanto a diferença (compreendida, aqui, como resultado) são produzidas. (SILVA, 2004b, p, 76).

Faz-se necessário, entretanto, a ruptura com o pensamento dicotômico, ou seja, é imprescindível um pensar que não busque constantemente classificar, separar e hierarquizar características inerentes à esta forma de pensamento.

Esse movimento de contramão nos coloca em situações de confronto, pois vamos percebendo que estamos nas relações que desenvolvemos, em nossas vidas, sendo constantemente confrontados pela diferença e vindo a confrontar a outros com as nossas diferenças. Este processo de contínuo estranhamento surge a partir do encontro com o outro que nos provoca surpresa, espanto e, principalmente, que nos desestabiliza desafiando a questionar as nossas próprias certezas o que poderá ser ou não uma oportunidade de experimentar outros olhares para com a realidade que nos cerca; outros olhares para o que é compreendido como conhecimento científico.

Como exemplo de confronto podemos citar uma expressão utilizada em contextos onde a mudança é necessária e muito desejada: “fazer a diferença”. Está implícita nessa afirmação a vontade de rompimento em relação ao que está dado, pois, entende-se, que da unidade e da unanimidade, ali presentes, não emergirá magicamente novas possibilidades. Pois, então, vamos percebendo que somente a partir do confronto do estabelecido com a diferença que se encontra fora e não nominada ou representada que, pode vir a se constituir possibilidades de inédito: de fazer diferença ao fazer diferente; de fazendo diferente provocar pensar o impensável.

Na perspectiva do pensamento da diferença, entretanto, este confronto se recrudescer na medida em que, na diferença pela diferença, não há a intenção de ser aceito, assimilado ou incluído uma vez que permanecer diferente e não idêntico é o que potencializa o surgimento não mais do identitário e sim de novas singularidades. Porque mesmo considerando a diversidade de identidades continua-se marcando território e mantendo uma estrutura que limita, como uma fôrma, definindo o que sou e o que posso vir a ser. Neste contexto das múltiplas identidades a diversidade ocupa todos os espaços não havendo possibilidade para movimentos do inédito e para o surgimento do singular.

Gênero e suas relações de poder

Ao lançarmos o nosso olhar para a compreensão do conceito gênero é inevitável não percebermos as características relacionais que o termo gênero propõe, pois ao falarmos de gênero estamos falando tanto de mulheres como de homens, rejeitando a ideia de esferas separadas e, portanto, independentes e auto-determinadas. Por isso vamos verificando que como na identidade e na diferença existe uma reciprocidade neste processo que define uma categoria social sobre um corpo sexuado.

A compreensão do gênero como uma categoria de análise histórica nos é apresentada por Joan Scott em seu artigo *Gênero: uma categoria útil de análise histórica* onde podemos, através desse minucioso trabalho, compreender a longa caminhada empreendida na construção deste conceito que passou por estágios meramente descritivos até chegar às teorizações que serviram de base para novas formas de análise histórica. A partir dessas análises, vamos descobrindo que, em diferentes sociedades e períodos, os papéis sexuais influenciaram a ordem social.

Desta maneira, para as pesquisadoras feministas, em especial as americanas, o uso da palavra gênero tinha como objetivo evidenciar a organização social da relação entre os sexos. Rejeitando, portanto, o determinismo biológico implícito nos termos “sexo” e “diferença social”, ou seja, que toda diferença social estava baseada na diferenças biológicas entre os sexos e, que por sua vez, eram imutáveis. Desta maneira,

Gênero’ opõe-se, pois, a ‘sexo’: enquanto este último termo fica reservado aos aspectos estritamente biológicos da identidade sexual, o termo ‘gênero’ refere-se aos aspectos socialmente construídos do processo de identificação sexual. Essa separação hoje questionada por algumas perspectivas teóricas, que argumentam que não existe identidade sexual que não seja já, de alguma forma, discursiva e socialmente construída, mas a distinção conserva a sua utilidade. (SILVA, 2004a, p.91).

Por isso, então, que ao questionarmos uma organização social fundamentada na neutralidade dos aspectos biológicos e, portanto, naturais queremos apontar que os aspectos biológicos são atravessados pelas relações de poder implicadas nessas relações. E de qual concepção de poder estamos falando? Não se trata mais da concepção clássica de poder, onde

o mesmo se encontra concentrado apenas no corpo do monarca soberano e para os seus súditos só resta o conformismo do esvaziamento do poder. Nessa perspectiva clássica o poder está confinado a determinados lugares (*topoi*), (GALLO, 2004, p.83). Para este trabalho, entretanto, queremos introduzir a concepção de Foucault sobre o poder onde

Para a nova compreensão do poder, é imperativo que as suas conotações negativas – o poder como repressão – sejam anexadas também as suas concepções positivas – o poder como fonte de produção social. É o que Foucault chama de tecnologias do poder.

[...]

Nosso filósofo inverte o centro das preocupações com o poder e sobre o poder, buscando não no topo, mas na base das relações sociais. (GALLO, 2004, p.87).

Se, então, diante dessa nova compreensão de poder verificamos que o mesmo não está confinado a um lugar específico, mas, que o poder, estaria disseminado na base das relações sociais; se encontrando em estado difuso. Poder e confronto no exercício de forças que assumem características vetoriais; onde não há espaço para compreensão de um poder apenas negativo. Vale sublinhar também o fator relacional entre poder e saber, pois o poder está para o saber assim como a identidade está para a diferença..

O que nos faz pensar, invariavelmente, como esse poder, ou como Foucault chamava, essa tecnologia de poder atua no processo de constituição da identidade de gênero? Para Scott, então,

o gênero é um elemento constitutivo de relações fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder. As mudanças na organização das relações sociais correspondem sempre a mudanças nas representações de poder, mas a direção da mudança não segue necessariamente um único sentido (SCOTT, 1990, p.14).

O papel principal do poder, portanto, é dar significação, ou seja, dar voz a um saber legitimando-o como uma verdade inquestionável, como regra e norma a ser seguida. Atuando não necessariamente no mesmo sentido como nos alerta Scott, pois a poder Foucaultiano assume características vetoriais. Nessa perspectiva da microfísica do poder podemos identificar o quanto os discursos e saberes são constituídos e legitimados pelo poder, que determina qual é a identidade normal de gênero e qual seu papel nas relações sociais. Desta forma, o poder e o saber estão mutuamente implicados no engendramento da nossa forma de estar no mundo.

A Tríade e a Pedagogia

Ao longo desse trabalho fomos traçando pontos de contato que surgem na constituição da identidade, da diferença e também das identidades de gênero. Entre as várias forças que atravessam esses conceitos temos a linguagem representacional os discursos, mas, podemos apontar o poder-saber como uma força que promove o contato e a interdependência dessa tríade. Em especial quando a colocamos em relação à Educação e a Pedagogia.

Assim vemos que para cada concepção de sujeito, ao longo da modernidade, estava implicada necessariamente uma Pedagogia que refletisse seus valores. Então, para o sujeito iluminista protagonista juntamente com a razão no processo de emancipação do homem, o conteúdo toma centralidade em uma pedagogia cientificista, que vai privilegiar o conteúdo e a didática como sendo garantidoras da aprendizagem, entendida aqui, como aquisições e acúmulo de conhecimento. Não havendo, até aquele momento, nenhum questionamento sobre o que deveria ser ensinado, pois se partia da premissa do pensamento iluminista de que todos são iguais, sendo assim, os conteúdos de uma currículo baseado nas teorias tradicionais ensinaria o que era compreendido como valores universais para a humanidade.

Já para o sujeito sociológico, com a sua perspectiva crítica, desenvolverá uma pedagogia de conscientização sobre a ideologia que permeia os conteúdos vistos como representantes de uma universalidade humana. Neste contexto a aprendizagem tem seu ponto de partida na realidade do aluno; fomentando, com isso, a emancipação e libertação presentes nos estudos do teórico representante das teorias pedagógicas críticas, Paulo Freire.

E, na pós-modernidade, quais são os discursos pedagógicos frente ao esfacelamento da categoria de sujeito? A pedagogia pós-moderna vai voltar o seu olhar, antes focado na perspectiva crítica que pretendia transformar a realidade - libertando e dando autonomia a consciência, para a significação e os discursos que instituem a representação do que é compreendido socialmente como normal e aceito, portanto, identitário e o que é representado como diferente, estranho, portanto, excluído. Na pós-modernidade as análises sociais antes focadas nas relações de classe se vêm atravessadas pelas relações de gênero, raça, etnia e sexualidade. O multiculturalismo tentará equacionar e representar as várias identidades e suas demandas.

Embora as teorias pós estruturalistas nos apontem para uma ruptura com uma realidade vista como natural, dada e fixada; tudo isso a nos impulsionar rumo a uma viagem sem destino pré-estabelecido por isso que Tomaz Tadeu argumenta a favor de uma mudança epistemológica “receitando” como possibilidade de inédito a teoria *queer* que,

“efetua uma verdadeira reviravolta epistemológica. A teoria queer quer nos fazer pensar queer (homossexual, mas também “diferente”) e não *straight* (heterossexual, mas também “quadrado”): ela nos obriga a considerar o impensável, o que é proibido pensar, em vez de simplesmente considerar o pensável, o que é permitido pensar (...) O queer se torna assim, uma atitude epistemológica que não se restringe a identidade e aos conhecimentos sexuais, mas que se estende para o conhecimento e a identidade de modo geral. Pensar queer significa questionar, problematizar, contestar todas as formas bem-comportadas de conhecimento e identidade. A epistemologia queer é, nesse sentido, perversa, subversiva, impertinente, irreverente, profana, desrespeitosa. (SILVA, 2004a, p.107)

O hibridismo como uma característica marcante da pós-modernidade nos possibilita compor outras paisagens pedagógicas inspiradas nas técnicas do Mosaico: onde o ponto de partida é um todo, um inteiro para, então, ao fracioná-lo possibilitar - através desse movimento caótico de esfacelamento das certezas - a composição de uma nova forma, uma nova possibilidade; que emerge a partir das misturas de vários fragmentos de múltiplos materiais Nesse mosaico- pedagógico as múltiplas texturas, as múltiplas cores e espessuras criam o novo. O diferente o ainda não representado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

GALLO, Silvio. Repensar a Educação: Foucault. In: *Educação e Realidade*. Porto Alegre, 2005.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

MATOS, Sônia Regina da Luz. Discurso da mídia e a diferença. In: PAIM, Giseli e TEIXEIRA, Lezilda. *Educação e mídia*. Caxias do Sul, Caxias do Sul: EDUCS, 2008, p.33-42.

ROLNIK, Suely. *Cartografia Sentimental. Transformações contemporâneas do desejo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: *Educação e Realidade*. Porto Alegre, jul/dez. 1990.

SILVA, Tomaz Tadeu. *Documentos de Identidade. Uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004a.

_____ (Org). *Identidade e Diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Editora Vozes, 2004b.

_____. O projeto Educacional Moderno: identidade terminal? In: Veiga-Neto (Org.). *Crítica pós-estruturalista e educação*. Porto Alegre: Sulina, 1995. p. 245-260.

i Acadêmica do curso de Pedagogia da Universidade de Caxias do Sul e Bolsista de Iniciação Científica desta instituição. vicmaraju@yahoo.com.br (Esse trabalho foi desenvolvido sob a orientação das Professoras Inês Bueno Krahe e Sônia Regina da Luz Matos)